

A racionalização da notícia: uma consequência não premeditada da internet

Jeferson Bertolini¹

1. Introdução

Racionalização é um conceito central na obra de Max Weber (1864-1920). Em síntese, afirma que os valores da tradição de todos os aspectos da vida social têm sido superados por *critérios de eficiência* do mundo capitalista. As duas principais consequências são a burocratização da vida (ela passa a ser regulada por processos que buscam resultados) e o desencantamento do mundo (pois a busca pelo lucro minimiza o lado intangível ou místico da vida).

Tal conceito é aplicável a muitas propostas de análise, sobretudo aquelas com fundo histórico-social. Este artigo usa-o para pensar a produção da notícia na internet. O objetivo é mostrar que, na era digital, a notícia entrou em uma espiral de racionalização. Significa que o *ideal de informar* (valor da tradição) vem sendo superado pela *meraprodução mercadológica de conteúdo* (na internet, ser eficiente é produzir a maior quantidade possível de notícias, inclusive quando não há o que ser noticiado).

A notícia como mercadoria já foi apreciada em diversos estudos. A título de exemplo podemos citar o sociólogo americano Warren Breed (1915-1999), que nos anos 1950 disse que o jornalismo é uma organização e que as notícias são o seu produto; e a jornalista portuguesa Cremilda Medina, que nos anos 1970 cunhou a expressão “notícia,

¹Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas da UFSC, mestre em Jornalismo também pela UFSC, com bacharelado em Comunicação Social/Jornalismo, pela Univali. Email: jefersonbertolini@gmail.com.

um produto à venda”. Neste ensaio, observa-se a questão a partir da popularização dos meios digitais, nos anos 2000.

O artigo tem proposta de associar sociologia e jornalismo por meio de técnica interdisciplinar, usada sempre que topamos com um objeto “cujo lugar não está traçado no grande mapa dos saberes” (POMBO, 2007, p. 6). Ele é baseado em levantamento bibliográfico, básico ao trabalho científico porque “permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto” (FONSECA, 2002, p. 32), e em observação direta, que permite ao pesquisador assistir ao fenômeno estudado (ABRAMO, 1979).

O texto está dividido em quatro partes, a partir da introdução. A primeira apresenta o conceito de racionalização em Weber. A segunda destaca a importância da notícia. A terceira aglutina as duas primeiras sessões para tratar da racionalização da notícia. A quarta mostra duas iniciativas de Weber que contribuem diretamente com os estudos de Jornalismo.

O artigo conclui que a racionalização da notícia é um fenômeno típico da era digital, que empobrece a função clássica de informar, além de impactar nas rotinas do jornalista, na relação dele com as fontes e nos conteúdos que produz.

2. Racionalização: ação voltada aos critérios de eficiência

O conceito de racionalização é central na obra de Weber (SELL, 2012, p. 153). Foi criado em 1910, durante o namoro com uma pianista. O alemão percebeu que as notas musicais, antes de proporcionarem emoção, seguem um gabarito lógico que dá *eficiência* à música. A partir disso viu racionalização em todas as esferas de poder², como economia, política e direito.

Weber apresentou o conceito de racionalização na revisão de *A ética protestante e o espírito do capitalismo*³. Nesta obra, o alemão diz que os protestantes passaram a acreditar que trabalhando com afinco estariam cumprindo na terra a vocação dada por

²Weber chama de *esferas de poder* aquilo que, posteriormente, o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002) veio a chamar de *campos*, e aquilo que o sociólogo alemão Niklas Luhmann (1927-1998) veio a chamar de *sistemas*.

³A primeira versão do livro é de 1904. A obra inaugura os estudos de Weber sobre as religiões. Além do protestantismo ascético, o alemão estudou o judaísmo antigo na China, Índia e Europa.

Deus e, conseqüentemente, encaminhando a salvação. Foi dessa entrega ao trabalho que surgiu o capitalismo que impulsionou o capitalismo moderno⁴.

Antes de criar o conceito, Weber se perguntava de onde vinha a busca incansável pelo lucro. Para responder a esta questão, percebeu que deveria analisar o elemento mais antigo de todas as sociedades: a religião. O autor identificou Martinho Lutero (1483-1546) como aquele cujo pensamento foi essencial ao desenvolvimento da teologia protestante. Lutero foi o primeiro a considerar que o cumprimento dos deveres da vida terrena também era uma demonstração de reverência a Deus⁵.

Weber dizia que a racionalização trouxe consigo um sentimento de *desencanto*, uma vez que o lado místico da vida cotidiana havia sido substituído pelo cálculo frio do capitalismo (o capitalismo ascendeu a reboque da industrialização e clamava por decisões racionais baseadas na eficiência e na análise do custo benefício).

A racionalização também mudou a administração da sociedade por meio do crescente nível de burocracia em todos os tipos de organização. Weber entendia que a estrutura burocrática dava à sociedade a organização típica de uma máquina, capaz de promover eficiência. Mas o trabalho dentro desse aparato levava ao desencanto, pois não havia espaço à iniciativa pessoal e criativa, só à atividade repetitiva. Ele chamou de *jaula de ferro* as regras rígidas da burocracia.

Definir a racionalização em Weber é um desafio, pois o autor tratou o tema sob vários enfoques ao longo de sua obra. Em geral, costuma-se aceitar que a racionalização consiste em um crescente domínio do homem, tanto no plano intelectual quanto no plano prático: “A racionalização é o processo histórico-social no qual cresce progressivamente a capacidade de intervenção do homem na realidade, de modo cada vez mais eficaz” (GOMES E MAGALHÃES, 2008, p. 80).

Thiry-Cherques (2009) acrescenta que racionalização significa a redução à racionalidade de todos os aspectos da vida social: “Weber reconheceu a racionalização o avanço do processo civilizatório, mas também as sementes da perda da individualidade e da liberdade identitária” (THIRY-CHERQUES, 2009, p. 903).

⁴Weber (2012, p. 9) define o capitalismo como “a força mais significativa de nossa vida moderna”. Ele dizia que o capitalismo “sempre existiu em todos os países civilizados da Terra” (2012, p. 11). Marx, para efeito de comparação, pensava o capitalismo como fruto da sociedade industrial.

⁵ As ideias de Lutero foram apropriadas por João Calvino (1509-1564), o mais influente dos reformadores. “Com o declínio da religião formal a partir da Revolução Industrial, a ética protestante que sustenta o espírito do capitalismo foi corroída” (THORPE et al, 2015, p. 223).

Na teoria weberiana constam duas vertentes de racionalização: a *cultural*, referente à racionalização pelas imagens de mundo criadas pelas religiões; e a *social*, referente à economia capitalista e ao Estado moderno. Habermas (2003) enfatiza que o conceito de racionalização tem um aspecto *teórico* e outro *prático*. No primeiro a racionalização é o crescente domínio teórico sobre a realidade; no segundo é o crescente domínio na busca metódica de um determinado fim, mediante o cálculo dos meios.

No conjunto da obra, Weber faz uma diferença entre *racionalização* e *racionalização da civilização ocidental*. A primeira implica uma sistematização das ações das pessoas, geralmente de acordo com valores religiosos, no sentido de maior rigor e método de um controle do estado natural. A segunda implica a predominância, em uma civilização, do trabalho sistemático, da ética econômica moderna, de cidades com unidades autônomas de governo, um direito moderno, uma autoridade burocrática e um estado burocrático moderno (KALBERG, 2010, p. 143).

Para compreender a racionalização é preciso enxergá-la em perspectiva com outros dois conceitos weberianos de igual grandeza: *racionalidade* (liga-se diretamente à ação dos indivíduos, enquanto a racionalização liga-se ao processo histórico-social) e *racionalismo* (referente à cultura de um povo).

Aracionalidade é um conceito subdividido em quatro tipos principais: *racionalidade formal* (refere-se ao processo decisório que leva em conta regras, leis e regulamentos de aplicação universal); *racionalidade prática* (refere-se ao cálculo racional de meios e fins); *racionalidade substantiva* (oposto da racionalidade prática; aqui a orientação obedece a valores); e *racionalidade teórica* (o domínio da realidade se dá pelo pensamento sistemático e não por interesses, tradição ou valores). “Por mais que os tipos de racionalidade podem variar em conteúdo, processos mentais que conscientemente se esforçam para dominar a realidade são comuns a todos eles” (KALBERG, 1980, p. 1159).

O *racionalismo* pode ser definido como o modo, culturalmente singular, no qual uma civilização específica e seus indivíduos constituem sua forma de pensar, agir e interpretar o mundo em função de sua cultura específica (SOUZA, 2008). Na obra de Weber há dois tipos de racionalismo: *racionalismo econômico* (diz respeito ao capitalismo moderno) e *racionalismo ocidental moderno* (usado para explicar o desenvolvimento ocidental).

3. Notícia: o elemento nobre do Jornalismo

Notícia é o elemento central do Jornalismo. Amaral (1978, p. 60) a define como “informação atual, verdadeira, carregada de interesse humano e capaz de despertar a atenção e a curiosidade de grande número de pessoas”. Lage (2002) reúne outras definições clássicas: “Se o cachorro morde um homem, não é notícia, mas se um homem morde o cachorro, aí, então, a notícia é sensacional” (AMUS CUMMINGS); “É algo que não se sabia ontem” (TURNER CATLEDGE); “É uma compilação de fatos e eventos de interesse ou importância para os leitores do jornal que a publica” (NEIL MACNEIL); “É tudo o que o público necessita saber, tudo aquilo que o público deseja falar; quanto mais comentário suscite, maior é seu valor” (COLLIERS WEKLY).

A busca por notícias é algo instintivo entre os humanos. “Notícia é aquela parte da comunicação que nos mantém informados dos fatos em andamento, temas e figuras do mundo exterior (...). Quanto mais democrática uma sociedade, maior é a tendência para dispor de mais notícias e informações” (KOVACH & ROSENSTIEL, 2003, p. 36).

Nesse sentido, Shoemaker (2006, p. 3) acrescenta que as pessoas estão interessadas em notícias o tempo inteiro: “Não importa se as notícias vêm de outras pessoas ou de veículos de comunicação de massa, todos querem saber o que está acontecendo em lugares distantes ou com seus vizinhos”. Ao pesquisar o tema notícia em dez países, a autora notou que o público está interessado basicamente em dois centros de informação: pessoas, ideias ou eventos que saiam da curva (para o bem ou para o mal); e pessoas, ideias e eventos que tenham alguma relevância para a sociedade.

Na Grécia antiga, antes do surgimento dos reclames impressos, os moradores se reuniam nos mercados públicos para ouvir notícias. Heródoto⁶ contava o que via em

⁶Heródoto nasceu em 485 a.C. Viajou muito ao longo da vida, e escreveu *História*. Acredita-se que tenha sido sua única obra. Ele dedicou toda a vida à tarefa de tentar encontrar respostas a perguntas históricas, como “por que os homens travam guerras entre si” e “o que move o homem”. O objetivo de Heródoto, como o próprio escreveu em *História*, na página 43, era “evitar que os vestígios das ações praticadas pelo homem se apaguem com o tempo” e que “as grandes e maravilhosas explicações dos gregos, assim como as dos bárbaros, permanecessem ignoradas”. Ele deixa claro que o material recolhido foi testemunhado por ele ou terceiros e que seu objetivo era ser o mais preciso possível, tal como fazem ou deveriam fazer os repórteres dos tempos atuais. Algumas de suas expressões em *História* deixam isso bem claro: “Estes são os costumes dos persas, como pude observar. As perquirições que realizei em torno de suas origens convenceram-me de que foi assim que tudo aconteceu” (p.218). Na versão original, o material apurado por Heródoto era acessível a poucos especialistas em grego antigo capazes de ler a um tipo específico de relato, que parecia uma palavra sem fim e ocupava rolos e mais rolos de papiro. “Não havia o costume de

caminhadas da Grécia (Europa) à Pérsia (Ásia), motivo pelo qual costuma ser considerado o primeiro repórter do mundo (KAPUSCINSKI, 2006).

Stephens (1988) aponta que o interesse por notícias é tão antigo quanto à humanidade. Ele sustenta que os padrões básicos do valor da informação parecem ter variado muito pouco através da história. “Os humanos sempre trocaram uma mistura similar de notícias ao longo da história e através das culturas” (STEPHENS, 1988, p. 18). Para o autor, notícia “é uma forma de contar histórias, e o homem sempre contou histórias”. O norte-americano entende que alguns dos valores de notícia resistem ao tempo. Ele chama isso de qualidades duradouras da notícia. De exemplo cita o insólito, o extraordinário, o catastrófico, a guerra, a violência, a morte e a celebridade.

O homem primitivo, mesmo antes de conhecer a escrita, fazia uma forma de jornalismo, pois transmitia aos seus semelhantes e à tribo, regularmente e de maneira interpretativa, os fatos que interessavam à comunidade, como o resultado da pesca e da caça, a aproximação de animais ferozes, fenômenos da natureza, a escolha de líderes dos grupos e o relato das batalhas (BELTRÃO, 1992, p. 33).

Park (1945) diz que a notícia, considerada como conhecimento, não é algo exclusivamente humano. Ele argumenta que os animais inferiores não estão isentos do tipo de comunicação que não é diferente da notícia. E exemplifica que o cacarejar da galinha mãe é entendido pelos pintos como sinal de perigo ou de comida, e os pintos reagem de acordo, como se estivessem recebendo uma notícia.

Traquina (2004) acrescenta que, historicamente, os jornalistas pensam a notícia por meio do que chama de *valores de seleção* e *valores de construção*. *Valores de seleção* são usados na escolha de um acontecimento para virar notícia; eles operam por meio de *critérios substantivos* (referem-se a elementos como proximidade e notabilidade) e *critérios contextuais* (dizem respeito ao contexto da produção da notícia, como a concorrência e o dia noticioso). *Valores de construção* funcionam como a linha guia à apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido e o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia.

separar palavras ou frases específicas, assim como não se conhecia o conceito de títulos e capítulos”, escreveu Hammer na apresentação. No formato de livro que conhecemos hoje, *História* só foi oficialmente publicado em 1954, com distribuição no ano seguinte.

4. A racionalização da notícia

Como destacado nas sessões anteriores, *racionalização* é um processo que confronta *valores da tradição* (históricos) e *critérios de eficiência* (típicos da sociedade moderna, capitalista); e *notícia* é o elemento central do jornalismo, cuja função clássica e tradicional é *informar*.

Nesse contexto, entendemos que a racionalização da notícia pode ser pensada com um *fenômeno do jornalismo contemporâneo, típico da era digital, que parece desprezar a função clássica da notícia, de informar, e priorizar a produção de conteúdo por ela mesma, reforçando a ideia de notícia como mercadoria*.

Assim, dizemos que, no ambiente digital, aquele que troca átomos por bits (NEGROPONTE, 1995) e que valoriza os meios convergentes (JENKINS, 2006); que prioriza a atualização contínua (SCHWINGEL, 2012) e a produção da notícia em ciclos 24/7 (BARBOSA, 2011); que guia-se pelo mantra da instantaneidade e da interatividade (SALAVERRÍA, 2005) e pelo fetiche do imediato (MORETZON, 2012), *a notícia parece ser pensada cada vez menos pelo viés da informação, da relevância do conteúdo à vida das pessoas, e cada vez mais como produto à venda*.

Davis (2013) entende que a racionalização da notícia pode ser pensada como efeito da queda de recursos das empresas do setor. Ela impacta (1) nas rotinas dos jornalistas, (2) na relação deles com as fontes e (3) nos conteúdos que produz.

O (1) impacto nas rotinas do jornalista ocorre, sobretudo, por causa da instabilidade do mercado publicitário. O desequilíbrio financeiro na empresa jornalística resulta, para o jornalista, em excesso de trabalho, em enxugamento das equipes (por causa do controle de gastos) e no predomínio de jovens⁷ nas redações (podem ser pensados como profissionais com mais tempo disponível ao trabalho e dispostos a trabalhar por um salário mais baixo).

⁷ No Brasil, segundo pesquisa feita em 2012 pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com 5 mil jornalistas, há um predomínio dos jovens nas redações do país (MICK; LIMA, 2013). O levantamento aponta que, no fim de 2012, a) um em cada quatro profissionais da área trabalhava em mais de um emprego; b) metade havia começado a carreira profissional no máximo cinco anos antes; c) um terço tinha renda menor que três salários mínimos; d) quase metade trabalhava mais de oito horas por dia; e) 23% levavam trabalho para casa. A pesquisa aponta também que a maioria dos jornalistas estava empregada em empresas privadas (metade em micro e pequenas, um quarto em grandes empresas e o outro quarto em empresas de porte médio) e que um a cada quatro trabalhava sem amparo trabalhista (freelancers, contratados como pessoas jurídicas ou prestadores de serviço).

O (2) impacto na relação com as fontes ocorre porque, diante do controle dos gastos por parte das empresas, a *reprodução* de conteúdo se torna mais viável que a *produção* convencional de conteúdo (exige mais contatos com as fontes, sobretudo pessoalmente, fora da redação). Nesse ponto, dois estudos feitos por Davis (2013) com jornalistas dos EUA e do Reino Unido mostram uma “dependência” do jornalista em relação ao profissional de relações públicas, que aparece como “fonte barata de conteúdo”⁸. Há, assim, um crescimento da indústria de relações públicas em detrimento do declínio da indústria jornalística, onde “o profissional de relações públicas se converte em subsídio de informação ao jornalista” (DAVIS, 2013, p. 187).

O (3) impacto nos conteúdos produzidos pelo jornalista ocorre, especialmente, por causa da dependência digital: a internet tem se convertido em biblioteca de informação rápida e barata. Ao mesmo tempo em que agiliza o trabalho do repórter, ela é uma forma de redução de custos na produção da notícia. Por isso cria dependência. Em médio prazo, essa biblioteca barata impacta no conteúdo produzido pelo jornalista. Na cobertura de política, por exemplo, predomina o factual ante o relevante. Sai a reportagem, a investigação, e entram os relatórios e as divulgações de investigações. Dito em outras palavras, conteúdos de produção difícil, como reportagens, se tornam raros; conteúdos de fácil produção, como celebridades, se tornam mais abundantes.

Davis (2013) entende que a racionalização da notícia também afeta a capacidade intelectual do jornalista, o profissional encarregado de levar informações de qualidade às audiências. “A racionalização financeira do mercado jornalístico corroeu a racionalidade dos repórteres” (DAVIS, 2013, p. 195)⁹.

5. Sociologia da Imprensa

O conceito weberiano de racionalização ajuda a compreender muitos fenômenos do jornalismo, mas não se pode perder de vista que ele inicialmente foi pensado para explicar a vida moderna no Ocidente. Entretanto, é importante registrar duas contribuições diretas (ou tentativas) de Weber ao jornalismo.

⁸Estudo feito por Davis (2013) no Reino Unido apurou que 19% do conteúdo jornalístico veio de profissionais de relações públicas. Nos EUA, outro estudo apurou que 50% do conteúdo tinha partido de RPs.

⁹ O autor estudou jornalistas e empresas jornalísticas do Reino Unido e dos EUA entre 1996 e 2008.

A primeira ocorreu em 1910, no mesmo ano em que apresentou o conceito de racionalização. Naquele ano, ao discursar na abertura da 1ª Conferência da Sociedade Alemã de Sociologia, Weber propôs a criação da sociologia da imprensa. Seria nos moldes da sociologia do trabalho, da sociologia das religiões e de outras especializações da sociologia geral. “Senhoras e senhores, o primeiro assunto que considero plausível à sociedade para um tratamento puramente científico é a Sociologia da Imprensa”, disse¹⁰.

O objetivo de Weber, considerado um dos pais da Sociologia¹¹, era entender relações econômicas e políticas a partir da imprensa. Ele também queria compreender os efeitos do fato de a imprensa ser a única instituição a tornar públicos determinados fatos em detrimento de outros. “De nossa parte, teremos que investigar, sobretudo, as relações de poder criadas pelo fato específico de que a imprensa torne públicos determinados temas e questões” (WEBER, 2015, p. 15).

Weber definiu dois temas prioritários: o *negócio do jornal*, que envolvia também organizações e trabalhadores, e o *espírito desse negócio*, que focava mais o viés político e a opinião pública. Ele reuniu em torno do projeto grandes nomes da sociologia, e chegou a elaborar orçamento aos primeiros estudos. Mas o projeto não saiu do papel. Até hoje estudiosos do jornalismo lamentam esse desfecho. “O programa de pesquisa sobre a imprensa de Weber parece ser, de muitos pontos de vista, uma oportunidade desperdiçada” (BASTIN, 2013, p. 23).

A segunda contribuição direta ao campo jornalístico foi a orientação de Otto Groth (1875-1965), autor da proposta que previa, nos anos 1960, a criação de uma *ciência dos jornais*. O objeto dessa ciência, que teria o mesmo status de Economia e Administração, seriam os jornais.

Groth (2011) assinala quatro elementos básicos aos jornais: periodicidade, atualidade, universalidade e difusão. Periodicidade não se limita ao tempo de publicação de um determinado número, mas como o jornalismo interfere no ritmo de vida das pessoas, representando, inclusive comportamentos e padrões econômicos, políticos,

¹⁰O discurso foi reproduzido sob o título *Sociologia da Imprensa: um programa de pesquisa* na revista Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 2, n. 1, 2015.

¹¹Os outros dois são Émile Durkheim (1858-1917), que dizia que toda ação social parte do *coletivo* ao *indivíduo* (o oposto de Weber, para quem a ação social parte do *indivíduo* ao *grupo*); e Karl Marx (1818-1883) que, inspirado por nomes como Georg Hegel (1770-1831) e Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), dizia que as condições materiais nas quais as pessoas vivem determinam a organização da sociedade e que as mudanças nos meios de produção causam a mudança socioeconômica (o materialismo histórico, como se define esta abordagem, busca explicar a passagem da sociedade feudal à sociedade capitalista).

sociais, culturais e psicológicos. A universalidade refere-se à abrangência e à heterogeneidade com que o jornalismo seleciona e apresenta os fatos. A atualidade diz respeito aos fatos novos. A difusão corresponde ao acesso do público à informação.

Assim como a sociologia da imprensa, a proposta da ciência dos jornais também não saiu do papel. Entretanto, ambas se tornaram marcos e balizam estudos sobre jornalismo.

6. Considerações finais

No conjunto da obra, a perspectiva de Weber é pouco usada nos estudos do jornalismo. Em parte, isso se deve à predominância histórica de dois grupos, com orientações teóricas diferentes, nesse campo: os *empiristas* e os *marxistas*.

O primeiro grupo é compatível com a sociologia de Pierre Bourdieu¹². Nessa fatia de pesquisadores há uma presença marcante de ex-repórteres. Trata-se de profissionais que atuaram muito tempo em redações e que agora apresentam-se como estudiosos do Jjornalismo. De maneira geral, esses pesquisadores priorizam temas como precisão, imparcialidade, códigos de conduta e valores-notícia.

O segundo grupo tem uma orientação marxista. Costuma orientar suas pesquisas com base nas estruturas sociais, como elites e mercado, e menos no modo de trabalhar e no modo de ser dos jornalistas. Há uma abordagem de classe, de dominação, de relação entre os meios de comunicação e o poder.

A perspectiva de Weber poderia ajudar nos estudos sobre as organizações, a burocracia, as divisões econômicas do trabalho eo papel dos atores dentro das redações. “O trabalho de Weber sobre as organizações, a racionalização e as forças do mercado fornece uma alternativa valiosa para analisar a atividade de repórter e explicar falhas profissionais” (DAVIS, 2013, p. 178).

Neste artigo, com base no conceito de racionalização de Weber, procuramos dizer que a superação dos *valores da tradição* pelos *critérios de eficiência* do mundo capitalista tem impactado na notícia. Na espiral racional, a notícia tem se distanciado do ideal de informar e se aproximado da produção de conteúdo por ela mesma.

¹²O francês é o sociólogo mais citado do mundo. Diferentemente de seus antecessores (Durkheim, Weber e Marx), Bourdieu costumava definir seus conceitos a partir de estudos empíricos, não em análises teóricas. Há controvérsias.

Para concluir, e para que fique claro o título deste trabalho, é preciso retomar *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Este livro diz que o espírito do capitalismo moderno é uma *consequência não premeditada* do trabalho protestante. Weber chamou de *consequência não premeditada* porque o objetivo protestante era conseguir a salvação, e não gerar capital para potencializar o capitalismo.

Nesse contexto, pode-se pensar a *racionalização da notícia como uma consequência não premeditada da internet*. Explica-se: a internet¹³, em termos jornalísticos, foi pensada para agilizar o trabalho do jornalista, facilitando acesso a fontes e conteúdo. Havia nisso um objetivo bom, assim como havia um objetivo bom no trabalho protestante: a salvação. Mas a internet acabou por dar novo sentido à notícia (era informar; agora é produzir conteúdo para vender), assim como o capital gerado pelo trabalho protestante deu novo sentido ao capitalismo (o lucro pelo lucro). Nos dois casos, lamentavelmente, as consequências são indigestas.

Referências

ABRAMO, Perseu. **Pesquisa em ciências sociais**. In: Pesquisa social: projeto e planejamento. São Paulo: Quatro Editor, 1979

AMARAL, Luiz. **Técnica de jornal e periódico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo em ambientes dinâmicos**. In. III Congresso de Ciberperiodismo y web 2.0: la transformación del espacio mediático. Bilbao: Espanha, 2011

BASTIN, Gilles. **The press in the light of modern capitalism: a planned survey by Max Weber on newspapers and journalism**. Max Weber Studies, v. 13, n. 2, 2013

¹³Os primeiros passos rumo à rede que conhecemos hoje foram dados nos anos 1960, quando a Agência de Pesquisa e Projetos Avançados (Arpa, da sigla em inglês), do governo norte-americano, criou uma rede nacional de computadores, a Arpanet, para comunicação interna em caso de ataques armados. Briggs & Burke (2006) lembram que a internet só saiu dos ambientes militares e científicos e atingiu as proporções astronômicas de hoje porque atraiu o interesse comercial. “O valor da net fora das universidades e das unidades militares dependia da ampliação da consciência de suas possibilidades comerciais (...). Assim é possível traçar o que parece ser uma sequência lógica na complexa história da internet, tal como aconteceu com vários ramos da história das comunicações: uma nova fase se abriu quando a net atraiu interesses comerciais (BRIGGS & BURKE, 2006, p. 302).

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. São Paulo: Edusp; Com-Arte, 1992

BREED, Warren. **Social control in the newsroom: a functional analysis**. In: Social Forces, v. 33, n. 4, 1955

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006

DAVIS, Aeron. **Applying a weberian perspective to the analysis of UK journalism: hacking and leveson as products of organizational rationalization**. In: Max Weber Studies, v. 13, n. 2, 2013

FONSECA, João José. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila

GOMES, José Vitor Lemes; MAGALHÃES, Raul Francisco. **Max Weber e a racionalidade**. Religião, política e ciência. In: Teoria e Cultura, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, 2018

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido: fundamentos da ciência dos jornais**; tradução de Liriam Sponholz. Petrópolis: Vozes, 2011

HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la acción comunicativa**, v. 1, Buenos Aires: Taurus Humanidades, 2003

JENKINS, Henry. **A cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2006

KALBERG, Stephen. **Max Weber: uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010

_____. **Max Weber's types of rationality: cornerstones for the analysis of rationalization processes in history**. In: The American Journal of Sociology, v. 85, n. 5, 1980

KAPUSCINSKI, Ryszard. **Minhas Viagens com Heródoto: entre a história e o jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. 2ed. São Paulo: Geração Editorial, 2003

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 2002

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia, um produto a venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Florianópolis: Insular, 2013

MORETZSOHN, Sylvy. **Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2002

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. 2ed. SP: Cia das Letras, 1995

PARK, Robert. **A notícia como forma de conhecimento (1945)**. In. BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. (orgs). *A Era Glacial do Jornalismo*. Porto Alegre: Sulina, 2008

POMBO, Olga. **Epistemologia da interdisciplinaridade**. Conferência proferida no Colóquio Interdisciplinaridade, Humanismo e Universidade, promovido pela Cátedra Humanismo Latino, Porto, 2007

SALAVERRÍA, Ramón. **Redacción periodística en internet**. Barañáin: Ediciones Universidad de Navarra, 2005

SCHWINGEL, Carla. **Historicidade, terminologia e conceito de ciberjornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2012

SELL, Carlos Eduardo. **Racionalidade e racionalização em Max Weber**. RBSC, v. 27, n. 79, 2012

SHOEMAKER, Pamela; COHEN, Akiba. **News around the world**. London: Routledge, 2006

SOUZA, Jessé. **A Atualidade de Max Weber no Brasil**. Cult. São Paulo, v. 11, n. 124, 2008

STEPHENS, Mitchell. **History of news: from the drum to the satellite**. Nova York: Viking Press, 1988

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. **Max Weber: o processo de racionalização e o desencantamento do trabalho nas organizações contemporâneas**. In: Revista de Administração Pública. v. 43, n. 4. Rio de Janeiro, 2009

THORPE, Christopher (et. al.). **O livro da sociologia**. São Paulo: Globo livros, 2015

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: vol 2: a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa internacional**. Florianópolis: Insular, 2004

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**; tradução de Vinicius Eduardo Alves. 4. ed. São Paulo: Centauro, 2013

_____. **Sociologia da Imprensa: um programa de pesquisa**. In: Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 2, n. 1, 2015

A racionalização da notícia: uma consequência não premeditada da internet

Resumo: Este artigo usa o conceito de racionalização de Max Weber (1864-1920) para pensar a produção da notícia na internet. O texto diz que, na espiral racional, que opõe valores da tradição e critérios de eficiência do mundo capitalista, o ideal de informar é superado pela produção de conteúdo em escala industrial, transformando a notícia em mercadoria. O manuscrito, baseado em levantamento bibliográfico e observação, adota técnica interdisciplinar para associar temas do Jornalismo e da Sociologia. O artigo conclui que, além de empobrecer a função clássica da notícia, a racionalização impacta nas rotinas do jornalista, na relação dele com as fontes e nos conteúdos que produz.

Palavras-chave: Notícia; Racionalização; Internet

News Rationalization: unpremeditated result of the internet

Abstract: This article uses the concept of rationalization of Max Weber (1864-1920) to analyze the production of news on the Internet. The text says that the ideal of informing is overcome by content production on an industrial scale, turning the news into a commodity. The manuscript, based on literature and observation, adopts an interdisciplinary technique to associate themes of Journalism and Sociology. The article concludes that, in addition to impoverish the classic function of the news, the rationalization impact on journalist routines in his relationship with the sources and content it produces.

Keywords: News; Rationalization; Internet

Recebido em: 29 de janeiro de 2016.

Aceito para publicação em: 06 de junho de 2016.